



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

MARCAS DE UMA FÉ: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL DO PASTOR LUCINHO BARRETO SOBRE TATUAGEM



MARKS OF A FAITH: A DISCURSIVE ANALYSIS OF PASTOR LUCINHO BARRETO'S SPIRITUAL COUNSELING ON TATTOOING

Matheus Werneck Silva de PAULA
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Mônica Santos de Souza MELO
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 19/02/2021 • APROVADO EM 28/04/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3230>

Resumo

Nesse artigo¹ objetivamos descrever e analisar o discurso de aconselhamento espiritual realizado pelo pastor Lucinho Barreto e publicado no canal do *Youtube* da Rede Super de Televisão no dia 07 de julho de 2014. Para empreender nosso estudo qualitativo de caso, foi necessário explorar a temática do aconselhamento, a tatuagem, verificando as questões

¹ O presente trabalho se integra em um projeto maior, que conta com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Processo 305038/2017-6.

históricas da prática e sua percepção no cristianismo. Após a etapa de contextualização, recorreremos aos pressupostos da Teoria Semiologística do Discurso de Patrick Charaudeau (2006; 2008; 2017) para descrição e análise dos dados. Assim, a partir da transcrição do vídeo, pudemos investigar a configuração do discurso, especialmente no que diz respeito aos modos de organização, aos imaginários sociodiscursivos e à construção da imagem do enunciador. Constatamos que o modo argumentativo é proeminente no aconselhamento, sendo a citação do texto bíblico de Levítico 19:28 um dos principais argumentos para consolidar um ideal de comportamento contrário às tatuagens. O pastor também argumenta ser um estudioso da temática, contudo não reconhece as questões históricas para compor sua tese, sendo seus argumentos enquadrados no âmbito do saber de crença. Do mesmo modo, apesar da linguagem jovial e da construção de uma imagem “descolada”, o pastor reproduz um discurso de autoridade disfarçada.

Abstract

In this article, we aim to describe and analyze the discourse of a spiritual counseling conducted by Pastor Lucinho Barreto and published on the Youtube channel of Rede Super de Televisão on July 7, 2014. To undertake our qualitative case study, it was necessary to explore the theme focused on the counseling, which is tattooing, verifying the historical facts of the practice and its perception in Christianity. After the contextualization stage, we resorted to the assumptions of Patrick Charaudeau's Semiologistic Discourse Theory (2006; 2008; 2017). Thus, from the transcription of the video, we were able to investigate the configuration of the discourse, especially regarding the modes of organization, the sociodiscursive imaginaries and the construction of the enunciator's image. We note that the argumentative mode is prominent in the counseling, and the quotation from the biblical text of Leviticus 19:28 is one of the main arguments for consolidating an argumentation against tattoos. The pastor also argues that he is a researcher on the subject, but does not recognize the historicity to compose his thesis, and his arguments are framed in the field of belief knowledge. Likewise, despite the jovial language and image, the pastor reproduces a speech of disguised authority.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Aconselhamento espiritual. Tatuagem. Semiologística.

Keywords: Spiritual counseling. Tattooing. Semiologistic.

Texto integral

Introdução

Seguindo o fenômeno da mediatização, os grupos religiosos adaptaram seus gêneros tradicionais, como os cultos, as pregações, os sermões e os aconselhamentos, aos suportes midiáticos. Tal estratégia permitiu maior alcance aos fiéis, que não precisam mais compartilhar o mesmo espaço-tempo dos ministrantes para serem alvos dos discursos proferidos. Deste modo, houve a reformulação da “compressão espacial e temporal, que não somente institui, como faz funcionar um novo tipo de real” (FAUSTO NETO, 2006, p. 3), estabelecendo inovações nos laços sociais, que se tornam mediados pela tecnologia.

Em vista disso, tornou-se viável a interação dinâmica entre os produtores do discurso e seus interlocutores, que podem comentar, reagir e, até mesmo, questionar o conteúdo disponibilizado a partir de seus perfis nas redes sociais. Segundo Sgorla (2009, p. 67) o fenômeno da midiaticização está vinculado “à articulação, imbricação e hibridização das tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedades. Esse processo marca a fase tecnológica e cultural da sociedade atual, a qual é chamada de ‘sociedade midiaticizada’”.

Nesse estudo, analisaremos uma mensagem de aconselhamento espiritual, que pode ser considerada um gênero situacional de acordo com Charaudeau (2004). Este autor estabelece que o aspecto situacional dos gêneros discursivos depende das restrições e estratégias estabelecidas no contrato comunicacional, da finalidade da comunicação, da identidade dos parceiros e dos aspectos materiais. Assim, o aconselhamento espiritual pode ser definido como “[...] um gênero cujo domínio central é o religioso, que toma como propósito a doutrinação religiosa e moral dos indivíduos. Além disso, deve-se destacar que os aconselhamentos espirituais cristãos se pautam em leituras dos ensinamentos bíblicos” (MELO, 2016, p. 1312).

Um exemplo do gênero supracitado aplicado no contexto midiático é o discurso selecionado para análise, que está presente no vídeo² intitulado “NUNCA É TARDE - É errado o cristão fazer tatuagem de versículos bíblicos?”. Este aconselhamento foi publicado em 07 de julho de 2014, no canal do *Youtube* da Rede Super de Televisão, com duração de 2,48 minutos, contando com mais de 30 mil visualizações. A escolha do conteúdo surgiu a partir da indagação sobre a visão cristã a respeito da tatuagem, considerando-se que a religião afeta, por meio de discursos, o comportamento humano, podendo produzir um conjunto de proibições e possibilidades.

Além disso, o discurso escolhido possui uma grande abrangência por ser ministrado pelo pastor Lucinho Barreto, representante da Igreja Batista da Lagoinha, que é considerado formador de opinião e influenciador digital. “O termo se refere aquelas pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos e até mesmo criando conteúdos que sejam exclusivos” (SILVA; TESSAROLO, 2016, p. 5).

O pastor, como foi descrito, atua na Igreja Batista Lagoinha. Tal instituição é conhecida por evangelizar utilizando ferramentas midiáticas, possuindo um canal televisivo, a Rede Super de Televisão, além de contas em várias mídias sociais. Neste contexto, o pastor ministra programas direcionados ao público jovem, explorando sua marca denominada “Loucos por Jesus” e apresentando-se ao público com uma abordagem jovial.

Adotando a definição de “celebridade como a atribuição de status glamoroso ou notório a um indivíduo dentro da esfera pública” (ROJEK, 2008, p. 11), pode-se constatar que o Pastor Lucinho Barreto se enquadra neste grupo. De acordo com a biografia presente em seu site oficial³, o pastor possui uma longa trajetória com o cristianismo, atuando especificamente no ministério da juventude

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yP3Bkk7dmfY&list=LLy8zhnjPber3uryyuKXjeA&index=6>. Acesso em: 28 out. 2019.

³ Disponível em: <https://www.prlucinho.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2019.

da Igreja Batista da Lagoinha. Entre seus feitos, o pastor destaca-se por possuir mais de quarenta livros publicados, além de apresentar programas televisivos e ser figura assídua nas redes sociais.

Após esta breve apresentação sobre o protagonista do discurso analisado, devemos descrever as condições de produção verbal do aconselhamento do Pastor Lucinho sobre as tatuagens. Para isso, como base teórica e metodológica, adotamos a Análise do Discurso Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Durante a análise, fez-se necessário estudar a construção do *ethos* do ministrante, além de examinar as estratégias de credibilidade e captação utilizadas. Da mesma maneira, foi importante considerar os Modos de Organização do Discurso e os imaginários sociodiscursivos presentes no aconselhamento selecionado como objeto do presente estudo de caso.

Fundamentação teórico-metodológica

Como dito anteriormente, adotamos como principal base teórica e metodológica a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, pois esta percebe o ato da linguagem como produto de um projeto de comunicação, considerando a participação de um locutor e um interlocutor, que podem ou não compartilhar de um mesmo campo interpretativo. Assim, pode-se dizer que a Análise do Discurso entende o ato da linguagem como uma totalidade, que dependerá dos saberes do enunciador e do interpretante para que o propósito comunicativo seja atingido.

Deste modo, o enunciador deve considerar a situação comunicacional para que o discurso seja organizado, sendo este subordinado a restrições, que são convenções que identificam as práticas sociolinguageiras, as quais seguem determinados padrões. Deve-se notar também as estratégias discursivas, ou seja, as escolhas do sujeito de fala para atingir a finalidade comunicativa. Ambas, as restrições e as estratégias, dependem do gênero discursivo pertencente, pois “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHITIN, 2010, p. 262).

Isso posto, a organização do discurso pode ser dada pelos modos argumentativo, descritivo, enunciativo e narrativo. O primeiro possui finalidade persuasiva, sendo utilizadas estratégias para fundamentar a tese e possibilitar, por meio da demonstração e do convencimento, a explicação das afirmações feitas sobre o mundo. O segundo modo é utilizado para identificar, nomear, situar e qualificar os seres, objetos e situações, sendo válido ressaltar que a descrição demonstra o ponto de vista do interlocutor, não sendo esta arbitrária ou isenta de subjetividade. O terceiro citado faz referência aos participantes do ato da linguagem, considerando o que é dito e os papéis desempenhados. Assim, pode-se observar as relações de influência entre o locutor e o interlocutor pelo comportamento alocutivo, explicar o ponto de vista do locutor pelo comportamento elocutivo e demonstrar as vozes de terceiros presentes no discurso pelo comportamento delocutivo. Por fim, o último modo consiste na relação entre os actantes, os processos e as sequências que constituem o contar no contexto da encenação narrativa.

Ademais, a Teoria Semiolinguística considera três problemáticas para análise, sendo a (i) semiodiscursiva relacionada ao sentido, (ii) a psicossocial referente ao comportamento humano, e (iii) a interpretativa relacionada ao

imaginário sociodiscursivo. De acordo com Charaudeau (2017, p. 578), “O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante”.

Assim, os imaginários são responsáveis pela simbolização do mundo, podendo estar relacionados à criação de valores individuais e coletivos, sendo pautados nos saberes de conhecimento e crença. Os saberes de conhecimento buscam estabelecer verdades objetivas sobre os fenômenos, podendo ser divididos em: saber científico e saber de experiência. Por outro lado, os saberes de crença estão relacionados ao olhar do sujeito, havendo o saber de revelação e o saber de opinião.

Tais saberes podem ser atravessados pelas formas de persuasão do *pathos*, relacionado ao afeto, *logos*, do campo do saber lógico, e do *ethos*, que implica na construção de uma imagem de si. O *ethos* pode ser visto como uma importante estratégia discursiva, pois “[...] apoia-se em um duplo imaginário corporal e moral ou que é um imaginário que, aqui, se ‘corporifica” (CHARAUDEAU, 2006, p. 117). Deste modo, é por meio do *ethos* que o enunciador demonstra a credibilidade para tratar de um determinado assunto.

Considerando as questões aqui descritas, podemos perceber que os discursos possuem uma grande complexidade, pois estabelecem as significações dos sujeitos no mundo, sendo a instância do significado priorizada na Semiolinguística. Entretanto, antes de adentrarmos na análise, faz-se necessário explorar a temática da mensagem de aconselhamento, a fim de entender como as tatuagens são objeto de discussão recorrente no meio religioso.

A história da tatuagem

A tatuagem pode ser considerada uma forma de modificação corporal que está associada ao processo de individualização de um sujeito ou um grupo, tendo seu significado alterado em razão dos aspectos sociais, culturais, éticos, históricos e geográficos. Tendo como base a tese de doutorado articulada por Sad (2016), pode-se considerar que a prática de marcação corporal é tão antiga como a própria civilização, sendo sua origem divergente e independente em diversas partes do mundo. O autor aponta que há indícios, como esculturas, instrumentos e gravuras, desde o período Paleolítico (10.000 a 38.000 A.C), que podem comprovar a existência da prática a nível histórico. Além disso, existem múmias conservadas com marcações corporais.

Quanto ao propósito, “as tatuagens foram aplicadas com diferentes intuitos que incluem marcas de realeza, signos de religiosidade, definidoras de status social, signos de individualidade, decorações por bravura em batalha, meios de punição, identificadora de escravos e condenados, e até mesmo fins medicinais” (SAD, 2016, p. 24). Contudo, na Idade Média (476 D.C. a 1492), estabelece-se “a associação entre essas marcas corporais e as que designavam o herege, o judeu, a prostituta, o carrasco, o leproso, enfim, todos aqueles que se situavam à margem da prática cristã ou que podiam quebrar a representação corporal do imaginário da época como imagem e semelhança de Deus” (COSTA, 2003, p. 11).

Após as expedições dos ingleses ao Taiti, no século XVII, a tatuagem como arte corporal foi difundida no Ocidente pelos navegantes e, posteriormente, foi adotada pelos nobres. Neste período obteve-se o primeiro registro do termo taitiano *tattoo*, que significa marcar ou golpear, dando origem à terminologia inglesa *tattoo*. Todavia, apesar da crescente adesão, as marcas continuaram sendo vistas com estigma. Rodrigues (2006, p. 15) resume o histórico da tatuagem afirmando que “ao longo da história da humanidade a tatuagem flutuou por várias castas sociais, carregando combinações infinitas de signos, que, dependendo da época transmitiam poder, cultura e realeza ou então caracterizavam marginalidade”.

Na atualidade, a aplicação de tatuagens tornou-se comum entre vários grupos sociais, podendo ser percebida como prática de liberdade em relação ao próprio corpo. Trata-se de uma escolha sobre gravar na pele algo que remeta à identificação, seja a nível individual ou coletivo. Apesar disso, a tatuagem continua associada à marginalidade e ao pecado, visão reforçada por instituições dominantes como a igreja tradicional e o mercado de trabalho conservador.

A tatuagem e o cristianismo

Como exposto anteriormente, a aplicação de tatuagens é um tema polêmico para os cristãos. Por um lado, destacam-se as opiniões contrárias emitidas pelos fiéis mais tradicionais. No entanto, existem vertentes do cristianismo moderno que aceitam a prática com naturalidade. De todo modo, a Bíblia é o livro sagrado que regula o cristianismo em geral, sendo válido destacar o principal trecho utilizado para justificar a posição cristã a respeito da tatuagem, que pode ser encontrada em Levítico 19:28⁴, que diz: “Não façam cortes em seus corpos por causa dos mortos, nem tatuagem em si mesmos. Eu sou o Senhor”.

O extrato supracitado é integrante de um conjunto de leis que fazem parte do Código da Santidade direcionado ao povo de Israel. “O destaque maior dessa seção é dado à exclusão de ritos e práticas associados com a religião cananeia, em especial aquelas práticas que deformavam física ou moralmente” (SILVA, 2018, p. 304). Esta posição é justificada pela visão do corpo como criação divina adotada pelos hebreus. Assim, o ato de marcar a pele para indicar a posse de um mestre não era condizente àquele povo, visto que acreditavam ser livres da escravidão, não possuindo mais senhores. Do mesmo modo, não podiam gravar tributos a divindades ou imagens, de acordo com o dogma que seguiam.

Observando outras passagens bíblicas, pode-se concluir que o fragmento retirado de Levítico dialoga com o texto presente em Deuteronômio 14:1,2⁵, que diz: “Vocês são os filhos do Senhor, do seu Deus. Não façam cortes no corpo nem raspem a frente da cabeça por causa dos mortos, pois vocês são povo consagrado ao Senhor, ao seu Deus. Dentre todos os povos da face da terra, o Senhor os escolheu para serem o seu tesouro pessoal”.

Desta forma, percebe-se que as proibições de marcas corporais presentes no texto bíblico objetivavam distinguir os hebreus dos demais povos que realizavam rituais considerados pagãos. Assim, pode-se dizer que a tatuagem como arte corporal não é mencionada explicitamente na Bíblia, sendo necessário associar a

⁴ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/19/28> Acesso em: 15 nov. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/dt/14/1,2> Acesso em: 15 nov. 2019.

interpretação textual ao contexto histórico e cultural para maior compreensão sobre a temática.

Estrutura geral do aconselhamento sobre tatuagem

Feita a contextualização do tema, podemos iniciar a análise do aconselhamento espiritual realizado pelo Pastor Lucinho Barreto. Primeiramente, foi necessário fazer a transcrição do discurso audiovisual, visto que intencionamos observar minuciosamente a organização do discurso e as estratégias utilizadas no vídeo, que é considerado uma ferramenta abrangente para coleta de material oral e visual, pois “pode capturar comportamentos valiosos e interações complexas e permite aos pesquisadores reexaminar continuamente os dados. Ele estende e aprimora as possibilidades da pesquisa observacional” (POWELL; FRANCISCO; MAHER, 2004, p. 86).

No circuito interno da situação de comunicação em destaque, temos o enunciador verbal (EUE), que é o pastor ministrante do discurso que se dirige ao sujeito destinatário (TUD), ou seja, ao público-alvo do enunciador, que é a comunidade jovem evangélica. Contudo, existe um circuito comunicativo externo, no qual o sujeito interpretante (TUI) é localizado, sendo este qualquer ser social que assista ao vídeo, havendo uma assimetria entre as instâncias de produção e recepção, visto que apenas o sujeito enunciador expõe suas considerações sobre a temática. “Isto se deve não só ao fato de se tratar de uma comunicação midiática, mas também por haver uma relação assimétrica entre os planos espiritual (representado pelo pastor) e o terreno (representado pelos fiéis)” (MELO, 2017, p. 189).

A situação supracitada coloca o pastor como uma autoridade desempenhando o “poder pastoral” sobre o fiel. De acordo com Costa (2007), este termo foi cunhado por Foucault para representar a relação dos líderes religiosos com seus seguidores, o que pode ser comparado à dinâmica do pastor e seu rebanho, pois a influência é focada na figura do pastor que deve guiar o rebanho para o lugar adequado. No aconselhamento aqui analisado, o pastor é o protagonista do discurso, que busca conduzir os indivíduos a partir dos princípios da moralidade cristã, produzindo formas de docilização e disciplinamento em seu público.

Ademais, a organização da fala apresenta uma introdução da temática a partir da pergunta feita pelo ouvinte do programa Nunca é tarde, apresentado pelo pastor Lucinho Barreto, seguida de uma exposição de argumentos de acordo com a proposta adotada e, por fim, há uma conclusão para a indagação feita. Por ser um gênero discursivo que visa a persuasão, percebe-se que o modo de organização proeminente no aconselhamento é o argumentativo, contudo faz-se necessário explorar aspectos dos modos descritivo, enunciativo e narrativo, a fim de enriquecer a análise.

Organização discursiva do aconselhamento

A partir da pergunta “É errado o cristão fazer tatuagem de versículos bíblicos?” o pastor Lucinho Barreto iniciou o aconselhamento espiritual com a seguinte citação do trecho bíblico, presente em Levítico 19:28:

(1) Olha aí então. Eu vou ler Levítico dezenove, vinte e oito, para responder essa pergunta sobre tatuagem. É certo ou errado fazer? Levítico dezenove, vinte e oito, diz assim: não faça cortes no corpo por causa dos mortos, nem tatuagens em si mesmos. Eu sou o Senhor.

Tal abordagem é justificada pelo universo de crenças compartilhadas entre o sujeito argumentante e o sujeito que buscou o aconselhamento do pastor. Este utilizou a estratégia argumentativa da citação que é recorrente nos gêneros religiosos, pois busca-se a referência de uma fonte de saber, como é o caso da Bíblia. A forma como o pastor refere-se ao texto citado indica uma familiaridade com o livro, configurando um comportamento delocutivo, visto que há o apagamento do ponto de vista pessoal. Além disso, no mesmo fragmento, há a nomeação de Deus pelo pronome de tratamento “Senhor”, estabelecendo uma relação de superioridade em relação aos fiéis.

Outra estratégia usada logo no início do aconselhamento é a construção de um *ethos* de competência, pois ao ressaltar que escreveu um estudo sobre a temática, o enunciador cria um efeito de saber, estabelecendo-se como perito no assunto antes de realizar a tomada de posição sobre a temática:

(2) Eu tenho uma opinião bem formada sobre tatuagem. Eu, Lucinho, não sou a favor dela! Eu acho que se Deus quisesse que eu nascesse com o nome dele escrito em mim, ou com um cântico, ou com um símbolo, ele tinha feito eu nascer dessa maneira.

Como podemos observar, o ato de refutação é total, sendo que o pastor faz uso do nome próprio e do pronome pessoal “eu” para intensificar que é uma visão particular, fazendo parte do seu imaginário de crença de opinião. Contudo, não se trata de uma tese simplesmente subjetiva, pois ela foi construída a partir de uma crença coletiva dos fiéis mais tradicionais do cristianismo. Além disso, em razão do pastor ter sido legitimado como autoridade no assunto, havendo realizado pesquisas sobre a temática baseadas no livro sagrado cristão, o efeito gerado tramita entre o contar e o incitar, como é evidente no trecho a seguir:

(3) Agora, essa é a minha opinião e eu, e eu assim, já estudei o assunto muito, trabalho com jovens há vinte e cinco anos. E eu vou te falar a verdade, eu prefiro não tatuar, recomendo não tatuar. Se você quer se identificar com Jesus de outra maneira, tem várias outras formas.

Utilizando marcadores de subjetividade e evidenciando seu saber de experiência, o locutor reforça durante todo o discurso razões contrárias às tatuagens, realizando, nestes momentos, um comportamento elocutivo e engajado na temática. Ademais, outra estratégia explorada é a descrição narrativa para a explicação sobre as possibilidades e consequências da marcação corporal. Este procedimento discursivo possui semelhanças com a comparação, pois conta-se uma história que possui efeito de exemplificação.

(4) A Bíblia diz no livro de Apocalipse que Deus, lá na eternidade, vai escrever o seu nome na nossa testa. Ou seja, lá na eternidade, Deus vai ter um *tattooshop* lá, que nós vamos entrar e ele vai tatuar a gente com o nome dele, mas isso lá!

(5) E eu não quero chegar no céu e Deus virar pra mim e falar assim: tinha na minha palavra um versículo sobre isso e você desobedeceu. Eu prefiro chegar no céu e ouvir Jesus dizer: oh, bobão! Podia fazer tatuagem e você não fez. Do que chegar no céu e ouvir ele dizer: não podia, porque tinha um verso da minha palavra que falava e você fez. Né?

Os exemplos acima demonstram a descrição narrativa presente no discurso persuasivo característico do aconselhamento. Neste caso, instaurou-se uma norma de modelo comportamental, que não permite a marcação corporal. Tal modo de raciocínio estabelece uma associação entre duas possibilidades contrárias, desobedecer ou não a Deus, conforme o domínio do ético e da moral cristã. Do mesmo modo, fica evidente a distinção entre aqui-terra e lá-eternidade, sendo o permitido lá, proibido aqui. É salientado, também, que Deus é agente, enquanto os seres humanos são pacientes. Esta configuração é consonante com a ideia cristã do corpo como templo sagrado e propriedade divina.

Ainda nos exemplos, há também a construção de um *ethos* de jovialidade e de informalidade nas escolhas lexicais e na paráfrase do texto bíblico realizada pelo pastor, sendo que o humor também configura o discurso apresentado. Além disso, a pergunta no final do segundo trecho confirma a ideia defendida, sendo, também, uma estratégia de refutação, que é um procedimento em que o enunciador antecipa possíveis contestações que possam comprometer o sucesso de sua argumentação, simulando uma resistência por parte do interlocutor, como ocorre também no fragmento abaixo:

(6) Alguém vai dizer: ah, mas era o Velho Testamento! Não é? Mas se tá na palavra de Deus e não foi revogada e não há no Novo Testamento uma palavra nova sobre esse assunto velho, eu fico acreditando que isso poderia ainda estar valendo. Não é?

De acordo com a tese apresentada, o trecho de Levítico continua válido, pois o pastor assume que a Bíblia é referência de comportamento. Logo, se não existe nenhuma passagem bíblica que conteste o que está descrito no Velho Testamento, ele ainda estaria vigente, o que reforça a ideia de superioridade do plano espiritual sobre o terreno. Contudo, para promover tal argumento, o enunciador dispensa as questões históricas referentes às tatuagens, sendo este argumento, então, baseado em um saber de crença revelativo. Charaudeau diz que “o saber de revelação supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito, mas, diferentemente do saber de conhecimento, essa verdade não pode ser provada nem verificada” (2017, p. 583).

A avaliação estética da tatuagem também está presente no discurso aqui analisado, como podemos verificar nos excertos a seguir:

(7) Eu prefiro usar uma camiseta, um boné, não é? Um cântico, me identificar com Cristo fisicamente de outras maneiras.

(8) Então, eu vejo que muitas vezes a tatuagem é um modismo.

No primeiro fragmento, o pastor coloca-se em foco novamente para acumular outras possibilidades de associação com Cristo, tornando claro que a tatuagem não seria um modo adequado de homenagem. Engajado no assunto, o ministrante caracteriza a tatuagem como “modismo”, uma expressão idiomática que se refere ao que é popular, porém passageiro. Tal argumento pertence à ordem do estético, pois se algo é considerado “modismo”, mas é permanente no corpo, quem seguir a tendência poderá ficar com uma marca antiquada.

O argumento estético possui grande impacto no público jovem, pois há uma supervalorização da aparência como fator para a aceitação desse público em grupos sociais. No entanto, existe uma contradição no argumento, pois o pastor admite que se fala de tatuagem no Velho Testamento. Logo, a prática não pode ser apontada como efêmera. Outrossim, as palavras construídas com o sufixo “-ismo” podem caracterizar comportamentos que se devem evitar, doentios, patológicos, desvios físicos ou morais. Então, o argumento também engloba o domínio do ético, pois a tatuagem seria um empecilho para a moralidade. Assim, concorda-se com Foucault ao dizer que:

A vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. Quanto a essa elaboração de sua própria vida como uma obra de arte pessoal, creio que, embora obedecesse a cânones coletivos, ela estava no centro da experiência moral na Antiguidade, ao passo que, no Cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assumia muito mais a forma de um código de regras. (FOUCAULT, 2006, pp. 289-290).

Assim, a Bíblia funciona de forma similar a um texto legislativo aplicado ao contexto da Igreja, que é uma instituição que funciona a partir de suas próprias regras, atravessando os sujeitos nos modos de falar, agir e aparentar-se, como pudemos notar no caso do interlocutor que buscou o aconselhamento para saber se estaria agindo de acordo com a ética e a moral cristã. Todavia, esse controle é implícito no discurso do pastor Lucinho, visto que ele diz:

(9) Agora, eu brigo com quem se tatua? De jeito nenhum! Cara, você é dono do seu corpo, você faz o que você quiser. São muito maiores os pontos que nos unem, do que os pontos que nos separam. Eu tenho muitos amigos tatuados, eu tenho pastor que faz tatuagem em si mesmo.

Essa estratégia pode ser pensada como um modo de não afastar os seguidores que possuem ideias divergentes, além da construção do *ethos* de identificação e santidade, pois o enunciador pontua que não irá condenar os tatuados, mas, após o aconselhamento, é pouco provável que o sujeito alvo do discurso queira tatuar-se, sendo este um discurso autoritário disfarçado. Sobre a

afirmação de que as pessoas possuem autonomia sobre seus próprios corpos, há uma contradição implícita, visto que nas narrações descritivas, que foram analisadas anteriormente, fica evidente a posição do ser humano como paciente, enquanto Deus é o agente. Assim, o argumento não é compatível com os outros, mas auxilia na construção de uma imagem de tolerância. O argumento de conviver com pessoas tatuadas funciona como proteção de face, pois configura uma construção frasal característica de discursos preconceituosos “Não tenho preconceito, tenho até amigos assim”.

Por fim, o pastor reforça a relação eu-tu, que é característica do gênero situacional mensagem de aconselhamento, e retoma o argumento da citação. Contudo, apresenta-se a possibilidade de procurar um outro conselheiro, mas, entre as opções, são nomeados apenas os participantes dos grupos familiares e religiosos, sendo que estes integram as instituições mais conservadoras, havendo grande probabilidade de concordância com a tese do argumentante.

(10) E eu, por causa desse verso de Levítico dezenove, vinte e oito, prefiro deixar isso de lado, mas se você tatuou, meu irmão, somos amigos, tá tudo na benção. Hoje eu não compro briga por causa de nenhum desses assuntos, porque eu acho que esses pontos são muito frágeis para poder abalar a nossa amizade, mas pensa, se você ainda tiver com dúvida, conversa com seu pastor, seu líder espiritual, sua mãe, seu pai, seu marido, sua mulher, você vai ouvir uma outra opinião também.

Atesta-se, portanto, que o pastor Lucinho Barreto realiza escolhas estilísticas que permitem maior entrosamento com o público jovem, fazendo uso de diversas estratégias discursivas para fundamentar sua tese. Contudo, apesar da construção de um *ethos* de competência como perito na temática, o ministrante não explora os saberes de conhecimento, atrelando-se às concepções mais retrógradas sobre as tatuagens. Contraria-se, assim, a autonomia dos sujeitos, tendo como base um imaginário do corpo como domínio divino.

Considerações finais

No presente artigo buscamos explorar, por meio de um estudo qualitativo de caso, um exemplo da mídiatização dos gêneros religiosos. O objeto de análise foi um vídeo de aconselhamento espiritual ministrado pelo pastor Lucinho Barreto. Este apresenta uma mudança nas formas tradicionais por meio das quais o pastor age sobre os fiéis, adotando um linguajar típico dos jovens, que configuram seu público-alvo. Assim, há a construção dos *ethos* de identificação e jovialidade, sendo o pastor reconhecido como um influenciador no meio evangélico.

Por se tratar da análise de um gênero discursivo predominantemente argumentativo, pudemos identificar diversas estratégias de persuasão para defender a tese contrária às tatuagens, sendo proeminentes a citação, a descrição narrativa e a reafirmação de um *ethé* de credibilidade. O locutor estabelece-se como um especialista no tema, e, mesmo adotando uma abordagem de proximidade com o interlocutor, formula concepções a partir do contar e do incitar, a fim de exercer um papel de autoridade que, no entanto, é disfarçada.

Apesar de construir uma imagem de si como um estudioso na temática das tatuagens, o pastor ignora as questões históricas e culturais da marcação corporal, realizando uma interpretação do texto bíblico pelo viés do conservadorismo e dos saberes de crença. Desta forma, apesar da nova roupagem midiática e jovial, o enunciador propaga um ideal da religião como um mecanismo de controle social.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 277-289.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. VII, n. 1, p. 571-591, jan/jun 2017.

COSTA, Ana. *Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, Márcio. Uma Analítica do Poder Pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault. *Mnemosine*. Rio de Janeiro: UERJ, v. III, n. 1, p. 80-110, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. Mdiatização, prática social - prática de sentido. In: XV Encontro Anual da COMPÓS, 2006, Porto Alegre. *Anais do XV Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre: PUC-RS, v. XV. p. 1-15, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos & Escritos - vol. V)

MELO, Mônica Santos de Souza. Princesas X cachorras: a evangelização midiática no aconselhamento da pastora Sarah Sheeva. *Fórum Linguístico*. v. XIII, n. 3, p. 1307-1320, 2016.

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso na mídia: o aconselhamento religioso sobre o cristão e o carnaval no canal do youtube do Pastor Lucinho Barreto. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, v. XXI, p. 37-50, 2017.

POWELL, Arthur; FRANCISCO, John; MAHER, Carolyn. Uma abordagem à Análise de Dados de Vídeo para investigar o desenvolvimento de ideias e raciocínios matemáticos de estudantes. Tradução de Antônio Olímpio Junior. *Boletim de Educação Matemática - BOLEMA*. Rio Claro, v. XVII, n. 21, 2004.

RODRIGUES, Apoenan. *Tatuagens: dor, prazer, moda e muita vaidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

ROJEK, Chris. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SAD, Breno Bitarello. *A tatuagem como processo*. 2016. 170 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

SILVA, Juan Vieira. Tatuagem e religião: a tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, v. XXI, n. 1, p. 291-310, 2018.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de midiatização”. *Mediação*, Belo Horizonte, v. IX, n. 8, p. 61-68, jan/jun, 2009.

Para citar este artigo

PAULA, Matheus Werneck Silva de; MELO, Mônica Santos de Souza. Marcas de uma fé: uma análise discursiva do aconselhamento espiritual do Pastor Lucinho Barreto sobre tatuagem. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 2, p. 662-675, maio-ago. 2021.

Os Autores

Matheus Werneck Silva de Paula - Graduado em Letras - Português e Inglês - pela Universidade Federal de Viçosa (2021). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8306-180X>.

Mônica Santos de Souza Melo - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), com Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos, na mesma instituição (2012). Professora Titular, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6502-9280>.

Anexo

Transcrição do aconselhamento

É errado o cristão fazer tatuagem de versículos bíblicos?

Olha aí então. Eu vou ler Levítico dezenove, vinte e oito, para responder essa pergunta sobre tatuagem. É certo ou errado fazer? Levíticos dezenove, vinte e oito, diz assim: não faça cortes no corpo por causa dos mortos, nem tatuagens em si mesmos. Eu sou o senhor. Bem, eu tenho um livro meu chamado Manual de sobrevivência para o jovem cristão, onde eu coloco um estudo que eu fiz sobre tatuagem. Eu tenho uma opinião bem formada sobre tatuagem. Eu, Lucinho, não sou a favor dela! Eu acho que se Deus quisesse que eu nascesse com o nome dele escrito em mim, ou com um cântico, ou com um símbolo, ele tinha feito eu nascer dessa maneira. A Bíblia diz no livro de Apocalipse que Deus, lá na eternidade, vai escrever o seu nome na nossa testa. Ou seja, lá na eternidade, Deus vai ter um *tattooshop* lá, que nós vamos entrar e ele vai tatuar a gente com o nome dele, mas isso lá! Eu prefiro usar uma camiseta, um boné, não é? Um cântico, me identificar com Cristo fisicamente de outras maneiras. Por que, Lucinho? Porque existe no Velho Testamento uma palavra sobre isso. Alguém vai dizer: ah, mas era o Velho Testamento! Não é? Mas se tá na palavra de Deus e não foi revogada e não há no Novo Testamento uma palavra nova sobre esse assunto velho, eu fico acreditando que isso poderia ainda estar valendo. Não é? E eu não quero chegar no céu e Deus virar pra mim e falar assim: tinha na minha palavra um versículo sobre isso e você desobedeceu. Eu prefiro chegar no céu e ouvir Jesus dizer: oh, bobão! Podia fazer tatuagem e você não fez. Do que chegar no céu e ouvir ele dizer: não podia, porque tinha um verso da minha palavra que falava e você fez. Né? Então, eu vejo que muitas vezes a tatuagem é um modismo. Agora, eu brigo com quem se tatua? De jeito nenhum! Cara, você é dono do seu corpo, você faz o que

você quiser. São muito maiores os pontos que nos unem, do que os pontos que nos separam. Eu tenho muitos amigos tatuados, eu tenho pastor que faz tatuagem em si mesmo. Agora, essa é a minha opinião e eu, e eu assim, já estudei o assunto muito, trabalho com jovens há vinte e cinco anos. E eu vou te falar a verdade, eu prefiro não tatuar, recomendo não tatuar. Se você quer se identificar com Jesus de outra maneira, tem várias outras formas. E eu, por causa desse verso de Levítico dezenove, vinte e oito, prefiro deixar isso de lado e, mas se você tatuou, meu irmão, somos amigos, tá tudo na benção. Hoje eu não compro briga por causa de nenhum desses assuntos, porque eu acho que esses pontos são muito frágeis para poder abalar a nossa amizade, mas pensa, se você ainda tiver com dúvida, conversa com seu pastor, seu líder espiritual, sua mãe, seu pai, seu marido, sua mulher, você vai ouvir uma outra opinião também. Manda pra mim a sua pergunta e eu sempre vou tentar responder à luz da palavra do Senhor.